

## Celso defende lockdown como medida sensata e necessária

O sucesso de Araraquara (SP), no combate à Covid 19, levou o ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, **Celso de Mello**, a manifestar, para amigos, seu pensamento a respeito da calamitosa omissão do governo federal, em relação ao quadro caótico vivido pelo país.

SCO/STF



O ministro aposentado Celso de Mello  
STF

Segundo o relato, o ministro citou a experiência de Araraquara como "um exemplo notável para o Brasil e para o seu Presidente". E continuou: "Araraquara, importante município paulista, seguiu as recomendações sensatas e apoiadas em relevantíssima orientação fundada em respeitável conhecimento científico emanadas da OMS (ONU), da Opas, dos EUA, da Itália, da França, da Alemanha, do Reino Unido e de outros países governados por políticos responsáveis que repudiam as insensatas (e destrutivas) teses negacionistas".

"Hoje, em nosso País, o Presidente da República (que julga ser um monarca absolutista ou um contraditório 'monarca presidencial') tornou-se o Sumo Sacerdote de uma estranha religião que desconhece tanto o valor e a primazia da vida quanto o seu dever ético de celebrá-la incondicionalmente!"

A arbitrária recusa de Bolsonaro em decretar o "lockdown" nacional (como ocorreu em países de inegável avanço civilizatório), comentou Celso de Mello, "equivale a um repulsivo e horrendo 'grito necrófilo' (que faz lembrar o conflito entre Miguel de Unamuno, reitor da Universidade de Salamanca no início da Guerra Civil espanhola, em 1936, e o General Millán Astray que, seguidor falangista fiel ao autocrata Francisco Franco, "Caudilho de Espanha", lançou o grito terrível "¡Viva la Muerte; abajo la inteligencia"!).

Ainda segundo o relato, o ex-decano do STF fuzilou "o gesto insensato do Presidente, opondo-se ao 'lockdown' nacional, em clara demonstração própria de quem não possui o atributo virtuoso do 'statesmanship'. De outro lado, essa conduta negacionista torna imputável ao Chefe de Estado, em face de seu inegável despreparo político e pessoal para o exercício das altas funções em que investido, a nota constrangedora e negativa, reveladora daquela 'obtusidade córnea' de que falava Eça de Queirós, em 1880, no prefácio da 3ª edição de sua obra 'O Crime do Padre Amaro', no contexto da célebre polêmica

que manteve com o nosso Machado de Assis".

**Date Created**

07/04/2021